



PATRICIA MOURA

**COLEÇÃO ETNOGRÁFICA LORETO-PARANAGUÁ:  
DESCORTINANDO A HISTÓRIA DA EXPATRIAÇÃO CULTURAL DO  
BRASIL**

RIO DE JANEIRO

2015

Ao nos debruçarmos sobre as tendências do campo da Museologia<sup>1</sup> no que tange ao tratamento das lacunas informacionais relacionadas à grande parte dos acervos museográficos originados entre os séculos XVIII e XIX, relacionados às ciências naturais, podemos aferir o estado de *engessamento* persistente que traduz a ausência de eficácia nos processos de registro de informações de campo - ainda na esfera do coletor e da metodologia eleita para a observação, identificação, análise, descrição e armazenamento dos conteúdos oriundos das expedições *não científicas* que se tornaram muito populares entre os eruditos brasileiros do século XIX.

Dada a abrangência do assunto e a quantidade de vieses possíveis para o fomento de discussões, dedicamo-nos neste artigo ao estudo do impacto desses fatores relacionados à coleta, utilizando para isso, a coleção etnográfica brasileira denominada como Loreto-Paranaguá-Schoeller, supostamente formada em inúmeras expedições realizadas por José Lustosa da Cunha Paranaguá pela região norte do Brasil e fronteiras com províncias da América Espanhola no último quarto do século XIX.

Este patrimônio ainda desconhecido do grande público traduz as consequências da gênese dos *handcaps informacionais*<sup>2</sup> - tipos de hiatos identificados, relacionados a ausência de informações compatíveis com os “descritores”<sup>3</sup> do campo, cruciais para o conhecimento da origem e uso dos artefatos (no caso da Etnografia) coletados.

Muitas das vezes adquiridas por compra direta nas comunidades indígenas ou ribeirinhas, por troca ou mesmo em coletas livres durante expedições pelo interior, como forma de conhecer, apreciar e manter em

---

<sup>1</sup>Ciência Social Aplicada, responsável pelo uso dos conhecimentos originados de diversas áreas consagradas do conhecimento como ferramenta de reconhecimento, organização, preservação, pesquisa e divulgação dos conhecimentos tácitos ou adquiridos sobre determinado objeto ou cultura material-imaterial, atual ou historicamente remoto, decorrentes ou representantes dos movimentos socioculturais das sociedades e ambientes de que se tem conhecimento. (Definição sugerida pela autora)

<sup>2</sup> A autora considera o termo composto *Handcap informacional* como uma ausência de informação que impacta no conhecimento geral do objeto como representação cultural ou científica. Esses defeitos, quando de caráter permanente, impedem a validação dos artefatos e das coleções a que se integram como um todo, culminando no ostracismo museológico – pois não podem ser expostas sob o viés original (antropológico, artístico, histórico) a que muitas delas são forçadas a se manterem nas reservas técnicas dos museus.

<sup>3</sup> Descritores são termos oriundos de um vocabulário controlado por determinada área do conhecimento, escolhidos para identificarem cada tipo de material coletado segundo sua natureza e necessidade maior ou menor de detalhamento descritivo dele e do ambiente de coleta (*in situ*), com vistas à geração de um conjunto de insumos informacionais que o identifiquem e representem no ambiente controlado dos museus e ambientes de pesquisa.

ambientes privados, sua absorção por museus no século XIX, dado o caráter artístico, histórico ou filosófico, é hoje um dos grandes problemas a serem contornados pelos profissionais de museus.

No caso em pauta, um problema de longa duração que impacta nos trabalhos de divulgação do Museu de Etnografia de Viena (recentemente renomeado *Weltmuseum*<sup>4</sup>) – local de guarda da coleção daqui para frente chamada de Coleção Paranaguá.

Ao iniciarmos os estudos desta coleção - há mais de cem anos longe dos olhos do público - deparamo-nos com uma situação recorrente que se relaciona às dificuldades encontradas pelos profissionais de museus da época (herdado pelos atuais mantenedores) quanto à impossibilidade de se *promover ciência* a partir dos produtos destas coletas. Fato este determinante para que o museu – como em tantos outros casos similares por toda Europa<sup>5</sup> - tivesse “esquecido” por longo tempo desta parte da representação material dos povos indígenas do Brasil.

Se analisarmos detalhadamente esta coleção a partir da documentação original que a situa historicamente no tempo e no espaço, bem como aquela que se formou muitos anos após sua coleta<sup>6</sup>, já em vias de negociação com o *Hofmuseum* de Viena, observamos os principais pontos que embasam a discussão proposta:

- A) Coletada por um viajante amador, sem formação científica compatível com os resultados das coletas realizadas;
- B) Ausência de roteiros claros de viagens, datas, locais exatos, mapas e informações sobre a equipe que supomos o tenha acompanhado<sup>7</sup> em

---

<sup>4</sup>Tradução para o Português, “Museu do Mundo”.

<sup>5</sup>Coleção Helmreichen zu Brunfeld, Coleção Mario Baldi, Coleção Johann Natterer (Weltmuseum, Nathurhistorisches Museum – Áustria), Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira (Museu de Coimbra, Portugal), por exemplo.

<sup>6</sup>A coleção Loreto-Paranaguá-Schoeller é um excerto de uma coleção muito maior, pertencente à Amanda Loreto, segundo fonte primária recentemente descoberta, desde aproximadamente, 1897 quando primeiramente chamou a atenção do museu austríaco.

<sup>7</sup> As expedições de caráter científico contavam com especialistas na área de interesse (Antropólogos, Etnólogos, Biólogos, Botânicos), desenhistas, linguistas ou tradutores, principalmente no travamento de contato com etnias pouco afeitas à interlocução com outros povos indígenas e não indígenas.

mais de uma expedição (visto a quantidade de etnias representadas pela coleção<sup>8</sup>);

- C) Ausência de diários de viagem (não foram encontrados até o momento nenhuma documentação relacionada à (s) expedição (ões) realizadas;
- D) Ausência de registros imagéticos;
- E) Ausência de indicação de etnias;
- F) Ausência de indicação de regiões geográficas relacionadas aos artefatos;
- G) Ausência de descrições de peças e de etiquetas individualizadas;
- H) Ausência de organização posterior segundo taxonomia sugerida pelo período histórico;
- I) Ausência de estudos posteriores à coleta ou aproveitamento dos artefatos por profissionais das ciências naturais no Rio de Janeiro (local de guarda).

Num segundo momento devemos identificar que:

- A) O interesse pela aquisição de parte da coleção etnográfica brasileira de Amanda Loreto e José Paranaguá, é reforçado pelo interesse do museu austríaco em “complementar a coleção organizada por outro austríaco, Johann Natterer”<sup>9</sup>, durante sua participação na Expedição Leopoldina (1817-1821), prosseguindo para ele até 1835, quando retorna a Viena.
- B) Comprovado documentalmente, o professor de música e entomólogo austríaco radicado no Brasil, J. G. Foetterle, amigo da família Paranaguá, é o primeiro cientista de formação que, a pedido do Hofmuseum, pinça, organiza taxonomicamente e confere sentido científico à profícua coleção etnográfica formada por José Paranaguá, acumulada desordenadamente em uma casa da família na praia da Lapa, Rio de Janeiro.

---

<sup>8</sup> 56 etnias identificadas.

<sup>9</sup>In: Carta de negociação escrita em 1907.

C) O trabalho do cientista, juntamente com a ajuda de Amanda Loreto, contribui com a criação de um dossiê sobre a coleção. Foetterle fotografa, produz listas, identifica e registra peças.

Os objetos com dados de origem e explicações foram em parte desconsiderados, o que, de acordo com notas encontradas, em especial aquelas de Alexander Haag, pareceu ser verdadeiro. Provavelmente, isto está fortemente baseado nos dados de um pequeno catálogo, constituído a partir da coleção etnográfica de Ermanno de Stradeillis e publicado no Pará em 1891 com um prefácio de Bertino de Miranda Lima. Tal se aplica à coleção da região do Rio Uaupé. Apesar disto, permanece a proveniência de algumas partes ainda incerta, sobretudo ainda mais incerta do que os dados de Natterer sobre seus objetos. (Carta de Negociação, 1907, Weltmuseum)

Este catálogo, ao que sugere o texto, teria sido constituído para envio das peças ao *Weltmuseum* – muitas das quais não continha informações de coleta originais.

Parte da coleção, contendo inúmeras duplicatas, teria sido negociada em troca de peças de etnias supostamente ignoradas por Paranaguá:

Ademais, foram retiradas da coleção de Loreto uma série de peças duplicadas, trocadas por 93 peças do Museu Paulista em São Paulo, dentre as quais havia predominantemente objetos arqueológicos do Rio Grande do Sul (da coleção Koresitz e diferentes Sambaquis) e São Paulo, bem como outros etnográficos dos Carajá, Bororo, Cayua e Chavante. (idem)

Esta manipulação dos itens da coleção original denota a aplicação do conhecimento científico sobre os artefatos e etnias por parte dos cientistas, possibilitando a realização de troca de exemplares tanto para a atualização da coleção arqueológica do museu paulista, como pela agregação de valor da coleção etnográfica que iria para Viena. Também nos informa subliminarmente que J. Paranaguá acumulava itens da mesma natureza em excesso, e não apenas, como poder-se-ia supor, no intento de praticar a ciência pelo método comparativo. O acúmulo de duplicatas, em detrimento das práticas científicas da época que se representam pela comparação de elementos únicos em diferentes culturas, proporcionaram, entretanto, a possibilidade de negociação dessas réplicas com outros museus, gerando ao final, maior abrangência e



variedade étnica da coleção final enviada a Viena – um híbrido do colecionismo amador de J. Paranaguá e da aplicação do conhecimento científico em prol da formação de uma coleção de maior relevância para a composição dos acervos do setor sulamericano do *Hofmuseum*<sup>10</sup> e mais tarde do *Weltmuseum*.

A coleção foi enviada a Viena a partir do Porto de Santos, São Paulo, e mostrada resumidamente durante a realização do Congresso de Americanistas (Viena, 1908), no qual o Dr. Franz Heger<sup>11</sup>, um dos principais personagens durante as negociações com Amanda Loreto, atua como secretário-geral desse evento.

Por possuir inúmeros itens sem identificação ao chegarem no Museu de Etnologia de Viena, criou-se um esforço interno para que os especialistas em Etnologia daquele museu (segundo informações não comprovadas documentalmente), produzissem identificações a partir de comparações com os artefatos da coleção do austríaco J. Natterer e com a bibliografia americanista existente à época.

Diante desses fatos citados pelos atuais curadores da coleção em Viena, chegamos a duas conclusões:

- 1) A documentação produzida por J. G. Foetterle e Amanda Loreto teria sido extraviada durante a viagem transatlântica;
- 2) A coleção atualmente está organizada em um sistema de informações (2012) e, segundo pesquisas realizadas nos últimos 2 anos, constatou-se que a despeito da existência ou não de documentação cientificamente organizada nos primeiros anos do século XX:
  - a) Somente 9% das 1331 peças identificadas possuem informação completa, considerando os campos

---

<sup>10</sup> Isto pode ser comprovado a partir da leitura do mesmo manuscrito onde apontam para uma outra negociação anterior realizada com o cientista alemão Robert Herman Schomburgk (1838) que vendera uma coleção de 109 peças oriundas da Guiana Francesa e fronteiras do Brasil com Venezuela que comporia mais tarde com as coleções Natterer e paranaguá esse mapa etnográfico da América do Sul.

<sup>11</sup> Franz Heger era diretor da seção de Antropologia e Etnografia do Museu imperial de História natural (Hofmuseum). “O Museu de Viena é o mais rico e completo dos repositórios etnográficos do mundo no tocante à América do Sul” (Oliveira Lima, Obra Seleta, Conselho Federal de Cultura, 1971)

informativos eleitos pelo *Weltmuseum*: inventário, registro, colecionador, século, objeto, etnia, país, região, areal.

Segundo MOURA (2014) a situação atual dos artefatos da coleção Paranaguá resume-se em:

| <b>NÚMERO DE PEÇAS</b> | <b>LACUNA IDENTIFICADA</b>   |
|------------------------|--|
| <b>1071</b>            | Não apresentam dados sobre os objetos  |
| <b>1218</b>            | Não apresentam indicação de <i>Número de Ordem – id acessória inserida pelo Weltmuseum</i> |
| <b>416</b>             | Não apresentam identificação de Etnia  |
| <b>363</b>             | Não apresentam informação, exceto pelo <i>Nome do Objeto</i>                               |
| <b>126</b>             | Possuem todos os dados preenchidos   |

In: Coleção Etnográfica Loreto-Paranaguá-Schoeller: A Trajetória e as Lacunas Informativas de uma Coleção Brasileira Expatriada, p.120.

Pode-se concluir que esta coleção encontra-se em fase inicial de identificação sob o aspecto científico.

Com o passar dos anos e pela perda ou transformação da memória oral, torna-se cada vez mais árido o trabalho de Antropólogos e Etnógrafos que se dedicam a esse processo.

O tratamento museológico resume-se atualmente à realização de medições de parte dos objetos e de produção fotográfica. Entretanto o modelo de ficha catalográfica escolhido pelo museu é insuficiente para o registro de informações necessárias, tanto para as necessidades da área da Antropologia quanto para a da Museologia – que a partir dos insumos fornecidos pelos cientistas poderá executar sua parte no trabalho de pesquisa e formação de dossiê histórico com vistas a sua ampla divulgação.

Pode-se verificar durante o trabalho que dezenas de peças, amarradas originalmente por proximidade tipológica receberam numeração museológica única – o que nos permite dizer que o número de peças adquiridas pelo *Hofmuseum* pode chegar a 1800 objetos.

O procedimento museológico de identificação individual dos objetos musealizados permite o melhor controle do acervo e evidencia a quantidade de objetos oriundos de mais de uma cultura que, por motivos de proximidade tipológica, foram atados entre si sem que se comprovasse a origem étnica da coleta.

No que se refere a identificação das peças, pode-se comparar a abrangência e os limites do conhecimento etnográfico do museu austríaco com outro - o Museu do Índio Americano – que atua no mesmo tema de pesquisa.

A identidade indígena no museu americano é corroborada pela minúcia

- a) Culture/People (Cultura-Povo): Waiwai
- b) Object name (Nome do Objeto): Basket with cover (Cesto com Cobertura)
- c) Native term (Termo Nativo): pakára
- d) Date created (Data de Criação): circa 1910
- e) Place (Lugar): Guyana
- f) Media/Materials (Meio- Materiais): Mukru fiber, macaw feather/feathers,
- g) Techniques (Técnicas): Twill-plaited, tied (Fibra Mukru, penas de arara/ plumas, cordoaria. Técnicas: Sarja-entrançada, amarrada.
- h) Collection History/Provenance (História da Coleção-Proveniência):
- i) Collected in 1918 by A. Hyatt Verrill (1871-1954, MAI field collector) during MAI-sponsored fieldwork. (Coletada em 1918 por A. Hyatt Verril (1871-1954), explorador da MAI – patrocinadora do trabalho de campo).

Os itens em vermelho identificam alguns campos negligenciados pelo *Weltmuseum*.

Nesta lista podemos encontrar informações cruciais para o desenvolvimento de pesquisas mais completas sobre as condições de coleta, como o nome nativo (original), história da coleção, proveniência.

Em outro exemplo mais contundente, o Museu Etnográfico de Bucareste apresenta 57 campos relacionados diretamente aos dados de coleta e estudo dos artefatos, citados por Abraham Moles (*apud* Yassuda, 2009) – o que exemplifica com os descritores a seguir:

I. Descrição geral do objeto e maneiras de encontrá-lo no museu.  
 Objeto, lugar da coleta, situação no museu.

1. Denominação do objeto:
2. Unidade:
3. (Em branco)



# XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS

27 A 31 DE JULHO DE 2015

FLORIANÓPOLIS - SC

4. Coletado por:
5. (Em branco)
6. O objeto encontrava-se em:
7. Data:
8. Comparado com:
9. Presente, valor:
10. Nº de catálogo:
11. Nº de inventário:
12. Clichê nº:
13. Nº da ficha:
14. Foto:

## II. Maneiras de utilização. Histórico, utilização, elementos artísticos

15. Histórico:
  - a) origem
  - b) modalidade de obtenção
  - c) circulação
16. Região principal onde é usado:
17. Em uso: sim/não (motivo)
18. Necessidade:
19. Utilização racional e Freqüência de utilização:
20. Utilização mágica:
21. Utilização religiosa:
22. Elementos artísticos:
  - a) origem:
  - b) motivo:
  - c) ornamento:
  - d) cor:
23. Inscrição:
24. Interesse etnográfico e Freqüência de obtenção

## III. Análise sumária da situação do indivíduo que o empregava. Indicações sobre o proprietário ou informante

15. Nome:
16. Data de nascimento:
17. Nº da casa:
18. Categ. Social:
19. Ocupação: principal e secundária:
20. Situação material: proprietário ou outra forma de renda:
21. Nº de admissão:
22. Nacionalidade:
23. Nº de pertença à comunidade:
24. Informante:
25. Data de nascimento:
26. Nível hierárquico:

## IV. Análise estrutural da fabricação. Estrutura, processo de produção, estado de conservação

15. Peças componentes
16. Materiais: a) e b)
17. Dimensões: altura, comprimento, volume, diâmetro, largura, peso
18. Lugar de utilização: em casa, na oficina rural, na oficina urbana, na fábrica
19. Modelo (fonte de inspiração):
20. Nome do criador:
21. Técnica utilizada:

22. (Em branco)  
23. Tempo de utilização:  
24. Data:  
25. Descrição das práticas mágicas:  
26. Descr. das práticas religiosas:  
27. Estado de conservação:  
28. Reparação, renovação:  
29. Desenho, esboço ou fotografia:

V. Função do objeto no interior do museu referido, em uma passagem para a estética.  
Função do objeto no museu:

15. Como segue à exposição:  
16. Utilizado com a finalidade artística:  
17. Utilizado para pesquisa, estudo ou publicação. Referências bibliográficas.  
18. Observações:  
19. Ficha preenchida em:  
20. Data:  
21. Processo nº:

Ficha catalográfica para objetos do Museu Etnográfico de Bucareste.  
Fonte: MOLES, Abraham A. et al. **Semiologia dos objetos**. Petrópolis: Vozes, 1972. p.30.

Destacamos na cor verde os níveis e objetivos de interesse do museu de Bucareste em conhecer apropriadamente suas coleções etnográficas; em vermelho os itens considerados relevantes por esta autora para o conhecimento do objeto musealizado; em preto os descritores mais comuns encontrados em fichas catalográficas.

Pode-se concluir que as práticas científicas adotadas por cada instituição para o conhecimento das coleções museológicas não estão consolidados pela área, deixando a cargo de cada instituição a indicação de suas aspirações de conhecimento refletidas nos modelos de fichas mencionados – apenas exemplos dos níveis de interesse sócio-político-científico das culturas representadas nesses espaços de comunicação.

### O objeto e o meio

Fora do ambiente *in situ*, as coleções etnográficas voltam a reverberar no ambiente dos museus, quando expostos ao público (GIMBLET,1998). A quantidade de dados e informações relacionadas a elas esboçarão as perspectivas quanto a sua ampla ou restrita visibilidade em relação ao público.

Pode-se constatar no caso da coleção Paranaguá que a ausência (ou perda) de referências no momento da coleta e, posteriormente, na trajetória



entre a nova formação (feita por J. G. Foetterle em 1907) e a chegada ao *Hofmuseum*, vinte e cinco anos se passaram.

Em mais de cem anos, no âmbito do conhecimento histórico, hipóteses quanto aos motivos da coleta, manutenção e venda foram pontuados por via escrita (MOURA, 2014), havendo documentação comprobatória de que seu colecionador a teria formado a pedido do naturalista e diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Ladislau Netto, para compor a “Exposição Antropológica Brasileira de 1882” – primeira grande mostra sobre a cultura indígena - no período imperial brasileiro. Esta mostra, podemos destacar, contou com as primeiras ambientações museológicas conhecidas, levada a um nível realismo poucas vezes registradas. Exemplifica-se esta consideração pelo fato de se realizar a reprodução de um ambiente tipicamente *Botocudo* que contou com a participação de um casal de índios dessa cultura à época já em vias de extinção, a viver dentro do museu em seu “cenário” pelo período da exposição, a saber; três meses.

Estes índios foram transferidos para Viena após este período em que se passaram por “objetos de museu”, onde permaneceram por seis meses trabalhando nos jardins do palácio imperial de Schombrum, residência dos Habsburg.

Ainda sobre este evento, a ciência consagrada por estudos de tipo, se fez factual por meio da publicação de diversos artigos científicos que compuseram a denominada “Revista da Exposição Antropológica Brasileira”, na qual cientistas das áreas de Antropologia, Linguística e Etnografia deram publicidade aos estudos relacionados às culturas ali representadas, abordando assuntos como a religião, fabricação de artefatos, lendas indígenas, mas também a estudos comparativos entre espécies humanas indígenas e não indígenas.

No total a exposição apresentou mais de 900 itens divididos em treze salas e sua visitação ultrapassou a mil pessoas – um índice mensal considerável até mesmo nos dias atuais no caso de alguns museus brasileiros.

Da ideia primeira do museu austríaco de que a coleção Paranaguá fora formada para participar da Exposição Antropológica não se pode comprovar pela documentação relacionada ao evento.

Ao contrário, apenas seis peças são identificadas como acervo conjunto do *Museu Nacional e Marquês de Paranaguá*, seu pai. Destas, três fazem parte do acervo permanente do Museu Nacional.

Este fato consolida a ideia de que:

- 1) A coleção Paranaguá não teria sido constituída para este fim específico;
- 2) Sua coleção, a esta altura já em formação (diário 1)<sup>12</sup> não foi considerada como objeto científico, talvez pela coleta aleatória e mal registrada por J. Paranaguá.

Os acervos em museus de ciências devem ser corroborados pelo aspecto científico que envolvem a necessidade de conhecimento. Desta forma, faz-se necessária a programação de expedições com finalidades específicas, a partir da eleição identificação de objetivos específicos que se qualifiquem junto a prática científica da época.

Essa junção de fatos constrói o conhecimento científico no ambiente dos museus, impulsionados pela evolução dos métodos científicos e das práticas desenvolvidas nos museus do século XIX.

A ausência desses critérios na gênese dessa coleção relegou a coleção à posição de elemento de contemplação por um quarto de século quando, levados pelo anseio em conhecer e reter elementos da cultura indígena em meio a revitalização das teorias de C. Darwin no início do século XX – com a ideia de que o índio é uma espécie de “ancestral vivo” da espécie humana – supervaloriza o conhecimento possível dessa etnia, principalmente na Europa.

Pode-se concluir que os museus europeus, principalmente aqueles que formaram seus acervos durante o século XIX enfrentam dificuldades relacionadas à produção científica baseada em acervos coletados de forma não científica, ou por meios alheios aos métodos científicos abalizados naquele período.

---

<sup>12</sup> Nos três diários encontrados e pertencentes a J. Paranaguá, consta seu interesse em expedições pelo interior do Brasil.



Desta forma, grande parte dos exemplares de culturas indígenas, principalmente, retidos nos museus sem a necessária visibilidade do público, desfralda a necessidade de que se um movimento de vários atores da cultura e das ciências possa ser estabelecido para que se leve a termo pesquisas iniciadas e não concluídas; bem como novas pesquisas de natureza histórica e antropológica que procurem estabelecer e registrar os indícios de existência dessas culturas in situ e nas coleções privadas, onde se foram resignificando até perder os vínculos com a sua própria história.

Existe no Brasil um projeto denominado Projeto Resgate Barão do Rio Branco que se dedica a realizar o levantamento desta documentação bi e tridimensional de origem brasileira que se encontram em posse de museus e arquivos europeus e americanos.

Parte deste trabalho é produto das primeiras pesquisas realizadas pela autora durante os quatro anos de atuação no Projeto Áustria – braço do Projeto Resgate.

Prestes a ser divulgado em ampla escala, espera-se que os cientistas e historiadores possam se interessar e debruçar sobre essas coleções, procurando construir esta parte da história que foge ao conhecimento da sociedade e, neste momento, se torna um hiato na memória coletiva.



## REFERÊNCIAS

### LIVROS

GIMBLETT, Barbara. **Destination Culture: Tourism, Museums, and Heritage**. University of California Press, 1998. 326 p.

MOLES, Abraham A. et alli. **Semiologia dos objetos**. Petrópolis: Vozes, 1972. 192 p.

MOURA, Patricia. **Coleção Etnográfica Loreto-Paranaguá-Schoeller: a trajetória e as lacunas informacionais de uma coleção brasileira expatriada**. 2014. 158p.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista**. Marília: 2009. 123 p.

### ARTIGOS

OLIVEIRA LIMA. **Obra Seleta**, Conselho Federal de Cultura, 1971. Visto em 19-01-2015. Disponível em: <<http://www.consciencia.org//o-congresso-dos-americanistas-de-viena>>

### FONTES PRIMÁRIAS

Cartas de Negociação. Dezembro de 1906 a julho de 1907. Arquivo do Weltmuseum. Viena.1906-1907. 47p.

### REVISTAS



**Guia da Exposição Antropológica Brasileira.** Museu Nacional. Rio de Janeiro. 1982. 55p.

**Revista da Exposição Antropológica Brasileira.** Museu Nacional. Rio de Janeiro. 1982. 84p.